

O SAMBA DE RODA COMO VETOR PARA UMA PROPOSTA DE ROTEIRO DE TURISMO CRIATIVO NO RECÔNCAVO BAIANO

Samba de Roda as a Vector for a Proposed Creative Tourism Itinerary in Recôncavo Baiano

LÚCIA AQUINO DE QUEIROZ¹ & CLÉCIA QUEIROZ²

RESUMO

O Recôncavo Baiano é uma região de relevante importância histórica, sobretudo como fonte para a realização de estudos turísticos, por se constituir em um amplo repositório da cultura de matriz africana no Brasil. A percepção das potencialidades dessa região, à luz das novas tendências mundiais da economia do turismo, propiciou a elaboração desta proposta que objetiva a implantação de um roteiro turístico neste território tendo como vetor uma das mais expressivas e singulares referências culturais da região: o samba de roda. Esse patrimônio imaterial torna-se também um atrativo de ampla expressividade para a economia do turismo cultural e criativo, sendo capaz de contribuir para o dinamismo econômico desta região e, em adição, para que parcelas da sua população possam vir a alcançar um mais elevado patamar de qualidade de vida, motivo central para a proposição ora apresentada.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo Criativo; Samba de Roda; Roteiro de Turismo; Recôncavo Baiano; Bahia, Brasil.

ABSTRACT

The Recôncavo Baiano is a region of relevant historical importance, especially as a source for carrying out tourist studies, as it constitutes a broad repository of African culture in Brazil. The perception of the potential of this region, in light of new global trends in the tourism economy, led to the elaboration of this proposal that aims to implement a tourist itinerary in this territory having as its vector one of the most expressive and unique cultural references in the region: samba de roda. This intangible heritage also becomes a highly expressive attraction for the cultural and creative tourism economy, being able to contribute to the economic dynamism of this region and, in addition, so that portions of its population can reach a higher level of quality of life, a central reason for the proposition presented here.

KEYWORDS

Creative Tourism; Samba de Roda; Tourist Itinerary; Recôncavo Baiano; Bahia, Brazil.

¹ **Lúcia Aquino de Queiroz** – Doutora. Professora na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, Bahia, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1140360871741575>. E-mail: luciamaqueiroz@ufrb.edu.br

² **Clécia Queiroz** – Doutora. Professora na Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9987172748304177>. E-mail: cleciaqueiroz@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Recôncavo Baiano é uma região de relevante importância histórica, sobretudo como fonte para a realização de estudos turísticos, por se constituir em um amplo repositório da cultura de matriz africana no Brasil. Seu declínio econômico, ao mesmo tempo em que a conduziu a uma estagnação não superada até o presente momento, apesar dos investimentos canalizados para esse território nas últimas décadas, a exemplo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia [UFRB] e do Programa Monumenta [BID] de recuperação, reforma e resgate do patrimônio cultural urbano, possibilitou a que fossem preservados traços marcantes da cultura regional, que hoje se traduzem em um valioso patrimônio intangível!

A percepção das potencialidades dessa região, à luz das novas tendências mundiais da economia do turismo, que preconizam o incentivo à segmentação e roteirização turísticas, à valorização do local e dos aspectos culturais enquanto elementos de competitividade dos destinos e zonas turísticas, imprescindíveis à nova modalidade do turismo criativo, propiciou a elaboração desta proposta para a implantação de um roteiro turístico neste território tendo como vetor uma das mais expressivas e singulares referências culturais da região: o samba de roda.

Forma de expressão cultural, popular, musical, coreográfica e poética, o samba de roda é um dos maiores “legados dos povos africanos de origem banto no Brasil, fruto da resistência de alguns sujeitos sociais, que lutaram para manter uma ligação com seus antepassados e preservar sua memória e tradições que vem sendo perpetuadas por várias gerações” (Queiroz & Araújo, 2015, p. 3). Inscrito no Livro de Registro das Formas de Expressão pelo Iphan, em 2004, e reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, em 2005, pela Unesco, o samba de roda domina a musicalidade do Recôncavo Baiano, fazendo-se presente nas diversas celebrações das cidades que o compõem.

O samba de roda, assim como o vasto patrimônio imaterial do Recôncavo Baiano dão sentido de identidade, de pertencimento a pessoas e comunidades que, não por outra razão, mantêm as suas tradições culturais. Esse patrimônio imaterial torna-se também um atrativo de ampla expressividade para a economia do turismo cultural e criativo, sendo capaz de contribuir para o dinamismo econômico desta região e, em adição, para que parcelas da sua população possam vir a alcançar um mais elevado patamar de qualidade de vida, motivo central para a proposição ora apresentada.

Como identificado em trabalhos anterioresⁱⁱ, o turismo desenvolvido no Recôncavo Baiano configurando-se como uma atividade de elevada sazonalidade, tem se caracterizado pela exploração pontual das festas populares, especialmente em Cachoeira, Santo Amaro e Maragogipe; pelas atividades de veraneio em algumas praias da região; pela atividade de turismo rural, realizada em um número restrito de propriedades; pelas visitas efetuadas ao Centro Cultural Dannemann, sede da primeira fábrica de charutos do Brasil, localizada em São Félix; e pela ainda incipiente navegação de lazer. Assim como as demais atividades desenvolvidas nesse espaço regional, o turismo não tem propiciado um retorno expressivo para as comunidades aí residentes.

Como observa Christaller (1966), em sua análise das relações entre as localidades centrais e regiões periféricas, “o turismo oferece às regiões economicamente subdesenvolvidas uma chance para elas mesmas se desenvolverem já que essas regiões interessam ao turismo” (Christaller, 1966, *apud* Mello & Silva, 1996, p. 127). No caso do Recôncavo Baiano, a possibilidade de o turismo vir a contribuir para o incremento da economia regional torna-se um pouco mais concreta. O patrimônio cultural imaterial desta região vem sendo gradualmente reconhecido e registrado, seja por organismos de âmbito de atuação interno ou externo à região, a exemplo, para além do Samba de Roda, da Festa da Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte e da Festa d’Ajuda, em Cachoeira, do Bembé do Mercado e do Nego Fugido, em Santo Amaro, do Carnaval de Maragogipe, em município homônimo, de terreiros de Candomblé, em São Félix e Cachoeira.

Em adição, o Recôncavo está inserido na zona turística da Baía de Todos os Santos, considerada de elevado potencial para o turismo cultural e náutico, e, além das suas celebrações e manifestações populares e tradicionais, conta hoje com eventos de expressão, como a Feira Literária Internacional de Cachoeira [Flica], e com uma maior movimentação de pessoas e capitais, decorrente dos reflexos da implantação da UFRB. É sabido, entretanto, que para viabilizar o roteiro proposto torna-se preciso criar uma infraestrutura viária, qualificar a mão de obra local e ampliar a oferta de equipamentos de hospedagem, alimentação, lazer e de serviços de apoio ao turismo, o que vai permitir ao turista percorrer essa rota, desfrutando de um amplo leque de opções e atrativos. Por outro lado, é também imprescindível a conscientização da comunidade local para as diversas ações que venham a preservar o patrimônio natural e histórico-cultural, a fim de que esta área possa conquistar uma nova atratividade e sua população seja efetivamente beneficiada.

Nesse sentido, o estudo ora apresentado buscou centrar-se nas potencialidades regionais para o roteiro proposto, visando apresentar o vasto potencial do Recôncavo Baiano para a implantação de um roteiro de turismo criativo tendo como mote o samba de roda. Sem desconhecer os desafios que envolvem essa proposta, objetiva-se descortinar a riqueza deste território para a exploração de uma rota de turismo criativo que integre diferentes municípios e contribua para a redução das desigualdades regionais e para a interiorização do desenvolvimento. Além desta Introdução, este artigo aborda, na sua parte dois, uma análise conceitual relativa ao turismo criativo; na parte três, o samba de roda, destacando aspectos das suas origens, características e rebatimentos do registro enquanto patrimônio imaterial; na parte quatro, destaques e particularidades de sambadeiras e sambadores do Recôncavo que se constituem em um patrimônio único, de elevado potencial para o turismo criativo.

O TURISMO CRIATIVO

Considerado como uma nova tendência do mercado de viagens, o turismo criativo foi definido pioneiramente por Richards e Raymond, no ano 2000, como aquele “que oferece aos visitantes a oportunidade de desenvolver o seu potencial criativo por meio da participação ativa em cursos e experiências de aprendizagem características do destino de férias a ser visitado” (Richards & Raymond, 2000, p. 18, tradução nossa)ⁱⁱⁱ. Segundo Richards (2011), nesta primeira definição conceitual buscou-se enfatizar, particularmente, o fato de que o turismo criativo requer não apenas que os turistas sejam criativos, mas que o destino ancore a criatividade em si, tornando-se também mais criativo, projetando experiências ‘características’. Como indicado por esses autores, o destino precisa pensar cuidadosamente os aspectos da criatividade que estão ligados ao local, e que dão aos turistas criativos uma motivação específica para visitá-los. Cada local tem o potencial de fornecer um ambiente único, fruto da combinação de conhecimentos, habilidades, ativos físicos, capital social e de uma ‘atmosfera’ própria, que torna certos lugares particularmente adequados para atividades criativas.

Em 2006, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), produziu sua própria definição de Turismo Criativo, que foi também utilizada pela Rede de Cidades Criativas - Unesco e pela Rede de Turismo Criativo: “O turismo criativo é uma viagem voltada para um ambiente engajado e autêntico, uma experiência com aprendizagem participativa nas artes, patrimônio ou no especial caráter de um lugar, fornecendo uma conexão

com aqueles que residem neste lugar e criando uma cultura viva” (Unesco, 2006, p. 3, tradução nossa)^{iv}.

Já em 2007, ao revisar o conceito, Raymond agrega a este os princípios da sustentabilidade e da autenticidade cultural. Conforme Raymond (2007, apud Santos, Lima & Matos, 2020) esta é "uma forma de turismo mais sustentável que proporciona uma sensação autêntica de cultura local através de oficinas informais e práticas e experiências criativas" (p. 138). Em síntese, esta modalidade de turismo tem na informação, inovação e criatividade algumas de suas ferramentas centrais. Tanto o visitante busca novos conhecimentos, quanto pretende intercambiar informações com comunidades locais que, por sua vez, precisam prezar pela manutenção das suas práticas, dos seus costumes, e, portanto, conhecê-los, dominá-los e preservá-los. Surgem assim conceitos como ‘treinamento de si mesmo’ ou ‘aprendizado ativo’ como referência a esta forma de relacionamento entre visitante e visitado, na qual o primeiro sujeito objetiva vivenciar experiências de aprendizagem a partir do cotidiano e da história do segundo.

Dentre as experiências oferecidas aos turistas podem estar inseridos cursos e workshops vinculados à cultura local, os mais diversos, sejam estes de pintura, dança, música, artesanato, etc., experiências de degustação, dentre outras práticas e atividades criativas (Richards & Raymond, 2000). A criatividade e a inovação são os investimentos mais valiosos nessa modalidade de turismo que pode não requerer montantes expressivos de recursos financeiros para a sua realização, demandando, entretanto, que seja otimizado o potencial cultural dos lugares. Nessa tipologia turística, a criatividade gerada nas relações entre a população local e visitantes pode colaborar para a ampliação do sentimento de pertença ao destino visitado pelos não-residentes, para a distinção dos lugares, tornando-os singulares e fidelizando os consumidores do turismo criativo (Richards, 2010). Por outro lado, a inovação, deve estar presente tanto na demanda quanto na oferta, sendo um diferencial decisivo para a cocriação de experiências e serviços turísticos, e, portanto, essencial a uma mais ampla competitividade do destino turístico (Santos, Lima & Matos, 2020).

Na atualidade, há ainda que se considerar outra dimensão empregada no âmbito do turismo criativo, referente aos objetivos do turista em ir além da troca de informações e aprendizados com os locais, e vivenciar o destino como se fosse um deles, ou seja, como um autóctone. Neste processo, surgem tendências e princípios que se agregam a essa prática, como o fomento à slow cities, que, em contraposição ao stress e ao ritmo alucinante das grandes cidades, valoriza a

identidade local através da preservação do ambiente natural; desenvolvimento de infraestruturas em harmonia com a paisagem natural e sua utilização; aproveitamento da tecnologia para melhorar a qualidade de vida e o meio ambiente; consumo e produção de alimentos locais com métodos ecológicos, entre outros aspectos (Matias, 2013), definição e implantação de roteiros de turismo criativo, tendo como mote central aspectos do patrimônio local/regional.

O turismo criativo tem amplas possibilidades de contribuir para renovar e valorizar as tradições, e, ao mesmo tempo, permitir a desconcentração do fluxo turístico, em prol de localidades, muitas vezes desconhecidas no mercado do turismo, mas, dotadas de potencialidades particulares. Há, entretanto, que se perceber que embora o turismo criativo pareça requerer aspectos muito simples para a sua implantação, são necessárias formas de planejamento e estruturas administrativas e organizacionais que propiciem a inovação turística. É também fundamental que a qualidade de vida e os interesses das comunidades sejam vistos como prioridade e que os núcleos comunitários se envolvam e comprometam com as propostas (Molina, 2016). É igualmente imprescindível a percepção da cultura como um processo dinâmico, que não poderá congelar-se historicamente para manter a sua atratividade aos olhos dos turistas. Como elemento vivo, dinâmico, a cultura tende a sofrer mudanças e estas, quando realizadas, devem ser feitas em conformidade com os propósitos e objetivos dos detentores dos saberes e fazeres tradicionais.

Com efeito, do ponto de vista do turismo, em um mundo globalizado, passam a ter importância relevante os significados, os valores, a experiência vivida e, portanto, a singularidade de determinados lugares. Para manter-se 'vivo', apto a atrair fluxos expressivos de pessoas e capitais, em um mercado altamente competitivo, o lugar, na medida em que pode propiciar experiências, requer a manutenção de sua singularidade frente às influências dos processos globais. A busca de novas experiências, a percepção do 'valor do lugar', de sua cultura, de sua identidade, ferramentas centrais à denominada "criatividade turística", em um cenário de acirrada competitividade global, vêm possibilitando não apenas o fortalecimento das vantagens individuais de cada lugar, mas, também, a construção ou a reconstrução de espaços contíguos dotados de um mesmo apelo identitário. E, de forma a se alcançar maior visibilidade para esses espaços, em um contexto em que os diferenciais se tornam amplamente valorizados pela atividade turística, novos modos de aproveitamento vêm sendo evocados, a exemplo da criação de rotas turísticas.

Direcionado para o aproveitamento das potencialidades locais, o roteiro temático proposto para os municípios do Recôncavo Baiano, se operacionalizado, irá possibilitar a atração de novas atividades produtivas para a região, a recuperação das antigas e a articulação entre elas, propiciando às comunidades a geração de empregos e oportunidades de negócios e, conseqüentemente, o incremento da renda pessoal e familiar, resultando na ampliação do bem-estar social. Através da adoção de novos mecanismos de gestão, direcionados ao fortalecimento da coesão social, as comunidades locais poderão aproveitar o potencial existente para o turismo criativo, com a proposição de um roteiro rico, inovador, dotado de amplas possibilidades de trocas e informações, característico da região e, portanto, único e peculiar, atuando enquanto agentes centrais no processo de valorização e preservação do patrimônio natural e cultural da região.

O SAMBA DE RODA ENQUANTO PATRIMÔNIO IMATERIAL

O samba de roda é possivelmente uma das mais significativas traduções culturais do Recôncavo Baiano, responsável por dar unidade a este território. Suas origens não são muito precisas, mas há relatos de viajantes e literatos da existência de formas culturais similares encontradas desde o século XVII, com a disposição espacial em círculo. Neste, a cada vez uma mulher vai ao centro, requebrando os quadris de forma sensual, e dele se retira, convidando outra mulher para o centro da roda através de uma umbigada (Sodré, 1998, *apud* Queiroz, 2019). Conforme observa Queiroz, C. (2019), as menções a um tipo de manifestação mais próximo do que se produz atualmente como samba de roda datam do século XIX. São resultantes de estruturas do passado, tanto da dança como da música, características da cultura de povos do centro-oeste africano [banto], que foram transplantados para o Brasil em grande quantidade nos primeiros séculos da colônia, e, gradualmente, foram se moldando, ganhando novos contornos no encontro com as matrizes diversas presentes no país até chegar ao que se reconhece hoje como samba de roda. Nessa expressão cultural, que sempre foi praticada majoritariamente por negros, observa-se a predominância da contribuição dos africanos. Os descendentes do grande contingente de escravizados de outrora são hoje os trabalhadores que se ocupam das pequenas lavouras, da pesca de marisco, da produção de cerâmica ou do refino do petróleo. São eles os herdeiros dos saberes e fazeres do samba de roda, os Mestres e Mestras, conhecidos como sambadores e sambadeiras. Os mais antigos, com idade média entre 65 e 90 anos, apresentam ainda muita

vitalidade nos seus corpos para tocar ou dançar e participam de praticamente todas as festividades culturais tradicionais.

O samba de roda é uma manifestação que guarda relação estreita, ainda que não explícita, com o candomblé e o catolicismo popular. Historicamente, sempre esteve presente nos eventos que ocorrem em dias dedicados aos santos católicos, como São Roque, que por sua vez está associado a Omolu ou Obaluaê, ou São Cosme e São Damião, associados aos Ibejes, também pertencentes ao panteão das divindades dos referidos candomblés. É comum o pagamento de promessa ou obrigação a esses santos e/ou orixás em rituais privados, culminando muitas vezes com o samba correspondendo à parte pública e festiva da cerimônia (Iphan, 2006). O samba de roda enquanto expressão afro derivada, não pode ser visto apenas como música ou como dança ou ainda puramente como uma prática social. Como argumenta Queiroz (2019, p. 37-38), no samba de roda

[...] nada existe de forma isolada, tudo é parte de um todo... o samba de roda guarda o caráter integral e holístico da arte africana, no qual música, dança, indumentária, literatura e expressão cênica fazem parte de um todo inextricável. O psíquico e o somático parecem estar em estreita associação, na qual o corpo responde dialogicamente com a música em performances individuais e coletivas.

Dentro dessa forma de expressão, as performances dos sambadores e sambadeiras são únicas, ainda que as práticas sejam similares. Cada pessoa que entra na roda para sambar traz a sua individualidade, sua percepção musical, as histórias que marcam a sua corporeidade e as especificidades das suas comunidades. Portanto, ao se olhar o samba acontecendo na roda, é preciso estar atento às suas singularidades.

O samba de roda atualmente está integrado na vida social dos municípios do Recôncavo Baiano, marcando presença em praticamente todos os festejos públicos e sociais de relevo. Mas nem sempre foi assim. Há cerca de 20 anos, podia-se observar na região a falta de estímulo aos grupos de samba e era possível notar o desinteresse e falta de identificação das novas gerações, influenciadas por novos estilos de músicas, especialmente o pagode, o samba de partido-alto. Diversos são os fatores que levaram a esse desinteresse, mas provavelmente um deles está relacionado com uma diversificada e intensa discussão na pós-modernidade sobre a questão da identidade e memória ligadas à cultura popular (Castells, 1999; Hall, 2003; Pollak 1989, 1992), que envolve uma homogeneização das culturas, em decorrência do mercantilismo e da indústria cultural, que afetam o processo de transmissão do conhecimento realizado de forma oral de

país para filhos e através de pequenas e tradicionais agremiações culturais. O Brasil, país repleto de manifestações populares, oriundas da incorporação de costumes, crenças e tradições festivas de diferentes povos, também tem sofrido impactos negativos em várias dessas manifestações, colocando-as em risco de extinção.

Entretanto, como observa Abib (2015), na contramão desse processo de homogeneização, uma série de manifestações tradicionais, a exemplo da capoeira, Tambor de Crioula, Marujadas, Cheganças, Jongo e Samba Chula, tem sido fortalecida e revitalizada no nosso país, ganhando espaços nas mídias, em shows com grandes públicos, mesmo sendo tema de documentários ou de trabalhos acadêmicos. Esse movimento encontrou consonância na preocupação com a garantia da continuidade histórica de bens culturais e com a preservação da memória e a identidade da sociedade brasileira que, de acordo com o Iphan (2006), terminou por refletir na produção de políticas públicas, como o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial através do Decreto nº 3.551, de 2000. Somente a partir de 2004, com a criação do Departamento de Patrimônio Imaterial, as diretrizes para o seu funcionamento foram estabelecidas, fazendo com que as práticas culturais, as representações, as expressões, os saberes, as celebrações, as técnicas, os instrumentos, os objetos e lugares associados, produzidos pelas camadas populares, pudessem receber o apoio estatal como patrimônio imaterial (Alencar, 2010).

Ao longo desses quase vinte anos do registro do samba de roda enquanto bem cultural, houve uma movimentação expressiva no cenário do samba não apenas no Recôncavo, mas dentro do Estado da Bahia, destacando-se algumas ações: realização de uma oficina para o ensino e produção da viola machete – instrumento fundamental do samba chula – com financiamento do Iphan; potencialização da Associação dos Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia (Asseba), contando com 120 grupos associados em 2023 (Brasil, EBC, 2023) e sendo responsável pela produção de dois registros importantes em 2015, o catálogo Sambadores e Sambadeiras da Bahia e o DVD didático Samba de Viola Machete do Recôncavo, ambos realizados por meio do Fundo de Cultura das Secretarias da Fazenda e Cultura do Estado da Bahia; neste mesmo ano foi produzida a Cartilha do Samba Chula, coordenada, escrita e dirigida artística e musicalmente por Katharina Döring e realizada com o patrocínio da Natura Musical.

Destacam-se também alguns projetos especialmente voltados para o protagonismo das sambadeiras. Dentre eles, o projeto Mulheres do Samba de Roda, que compreende um livro de perfis de 16 Mestras de 15 cidades localizadas em três territórios de identidade [Recôncavo,

Região Metropolitana e Portal do Sertão] e um documentário em DVD, produzido por Rosildo Rosário e Luciana Barreto, com texto de Katharina Döring. Esse projeto deu origem a nova iniciativa, batizada como *Circulando com as Mulheres do Samba de Roda*, com realização de uma roda de conversa com as Mestras, cuja apresentação, prevista inicialmente para quatro cidades do Recôncavo, Maragogipe, Muritiba, Conceição do Almeida e Saubara, terminou se estendendo para Salvador e outras cidades fora da Bahia: Rio de Janeiro, São Paulo, Jundiaí e, mais recentemente, Aracaju.

Outros desdobramentos ocorreram em 2020, por conta da própria Luciana Barreto e da pesquisadora e produtora cultural Rafaela Mustafa, que juntas produziram uma página no Instagram, com o objetivo inicial de divulgar o trabalho solo das sambadeiras, mas que terminou se voltando para a difusão de alguns projetos coletivos realizados por elas, tais como: o CD *Por cima do medo coragem*, disponível na plataforma Spotify apenas com vozes das Mestras; o vídeo *Mulheres Sambadeiras: o legado do samba de roda*; além do podcast *Elas contam seu samba*, produzido com o apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura, Prêmio Cultura na Palma da Mão, via lei Aldir Blanc.

Em adição, foram criadas e/ou fortalecidas 15 casas de samba e uma rede formada por elas; constituídos nove grupos de samba de roda mirins, no intuito de não deixar morrer o legado dos Mestres; realizado um projeto em São Francisco do Conde, que compreende uma lutheria da viola e cursos de saber-tocar e saber-dançar o samba de roda. Além de uma maior participação dos grupos em eventos turísticos e culturais, videodocumentários, apresentações em TVs, festivais e circuitos, foram publicados importantes registros videográficos e sonoros. Dentre eles, o documentário *Cantador de Chula*, que reúne 16 cantadores dessa vertente de samba de roda, numa tentativa de manter viva a memória oral e ancestral através do registro do conhecimento dos mais velhos, além de valiosas pesquisas acadêmicas, fruto de dissertações e teses doutorais sobre essa temática, como as de Cássio Nobre, que traz um estudo etnomusicológico sobre as violas dos sambas do Recôncavo; a de Mário Lamparelli, que versa sobre as letras dos sambas de roda da região; a de Clécia Queiroz, que volta sua maior atenção para os corpos em cena, procurando articulá-los dentro das múltiplas referências que os envolvem na prática, na cena do samba de roda, numa percepção do complexo; e a da pesquisadora e coreógrafa Daniela Amoroso (2009), que aborda o samba de roda do Recôncavo Baiano sob ponto de vista da Etnocenologia, numa perspectiva interdisciplinar, juntamente a

outros estudos e pesquisas de elevada representatividade para compreensão desta forma de expressão tradicional.

Decorridos dez anos da inscrição do Samba de Roda como Patrimônio Cultural do Brasil no Livro de Registro dos Saberes foi instaurado, em 22 de agosto de 2016, de acordo com o previsto no Decreto 3.551/2000 e na Resolução Iphan nº 01/2006, o processo de Revalidação do título de Patrimônio Cultural do Brasil do Samba de Roda do Recôncavo. Em reunião da equipe técnica do Iphan com sambadores e sambadeiras, no município de Santo Amaro, decidiu-se que a produção de subsídios para a análise técnica de reavaliação do bem deveria ser feita por meio de uma parceria do Iphan com a Associação de Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia/Asseba, ação que resultou no Parecer de Reavaliação, publicado em 02-09-2021. Conforme o Iphan (2021, n.p.), a pesquisa realizada entre 2018 e 2019, que atualizou informações sobre a manifestação cultural após o Registro, demonstrou que os atributos e aspectos culturais ressaltados na certidão de registro do bem “permanecem, em sua maior parte, inalterados, em correspondência ao que foi descrito no Dossiê de Registro de 2002”. O Instituto considerou que passados esses anos após o Registro, de acordo com o estudo, “as principais características que tornaram o bem cultural a ser reconhecido um patrimônio nacional se mantiveram ou se fortaleceram, e os detentores continuam interessados em garantir a preservação das condições socioculturais de reprodução do bem cultural ao longo das próximas gerações” (Iphan, 2021, s.p).

A pesquisa para revalidação do título envolveu 31 cidades e 20 localidades da Bahia, sendo que a caravana de pesquisa e documentação percorreu 28 municípios no Portal do Sertão, Região Metropolitana e no Recôncavo Baiano [Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muriba; Cachoeira, São Félix, Santo Amaro e Saubara]. Foi-se identificando, progressivamente, a necessidade de alteração da nomenclatura do título do bem cultural, em especial, pela presença de grupos para além da região do Recôncavo. Em atendimento a reivindicação de sambadores e sambadeiras de todo o Estado, a Asseba indicou que as políticas de registro e salvaguarda considerassem como forma de expressão o ‘Samba de Roda da Bahia’ (Iphan, 2021, n.p.). Ainda conforme o Iphan (2021, n.p.).

Em vista de tais deliberações e encaminhamentos, os signatários deste Parecer recomendam que, após a conclusão deste processo de revalidação, o Iphan, em parceria com a Associação de

Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia e detentores não associados que participam ativamente da salvaguarda do bem, promova um ciclo de debates para validar a proposta de se reformular a nomenclatura originalmente estabelecida, alterando-a para uma denominação mais congruente e adequada ao consenso que se formou em torno do assunto ao longo dos anos e que foi confirmado pela pesquisa contratada para se proceder à revalidação do título do bem cultural.

Embora tenha acatado a ampliação da área de abrangência desta forma de expressão, o parecer do Iphan não invalida a proposta de um circuito turístico do samba de roda no Recôncavo Baiano, região que concentra grande parte das referências culturais atreladas a este patrimônio cultural. A seguir, serão apresentadas algumas particularidades de sambadoras e sambadores do Recôncavo, que tornam esta forma de expressão singular e rica para o desenvolvimento de um roteiro de turismo criativo.

SAMBADEIRAS E SAMBADORES DO RECÔNCAVO: POTENCIAL PARA O TURISMO CRIATIVO

O samba de roda é uma expressão cultural produzida e traduzida por corpos de negros e negras do Recôncavo Baiano, os sambadores e as sambadeiras. Corpos que souberam preservar a herança cultural de suas comunidades africanas e festejá-las em círculo, onde não há hierarquias, mas compartilhamentos horizontais. A roda é o espaço onde os sambas do Recôncavo Baiano respiram a sua ancestralidade, onde se desenham as memórias dos antigos, que se manifestam em cada parte dos corpos, gritando forte nos pés que se movem em ritmo sincopado e nos quadris, que se desdobram em requebros que não demonstram medo da sexualidade; ao contrário, festejam o corpo e a vida. As memórias também estão refletidas nas saias brancas ou coloridas, volumosas, em cada pé descalço ou calçado com chinelas *chagrin* ou sandálias. Estão vivas ainda nos colares, nas pulseiras que adornam os braços das mulheres ou nos chapéus que enfeitam as cabeças dos homens.

O espaço circular do samba, formado por corpos colocados lado a lado, não é apenas um espaço físico, mas um lugar vivo e dinâmico onde se toca instrumentos, se canta, se bate palmas. Um espaço preenchido no centro por apenas uma pessoa de cada vez^y e que vai sendo alternada através de um bater de ventres [umbigada] ou outro gesto de convite. Por trás de uma simples visão de tudo isso, está um espaço de comunhão ancestral. E por esse motivo, perfeito para os adeptos do turismo criativo. Um espaço aberto ao compartilhamento de conhecimentos de forma lúdica e festiva.

E são vários os momentos possíveis para vivenciar uma roda de samba no Recôncavo, visto que essa prática cultural ocorre com frequência nos 20 municípios da região. Iniciando os percursos pela virada do ano, à meia noite do dia 31, em Bom Jesus dos Pobres, no distrito de Saubara, a rainha do mar, Iemanjá, recebe em suas águas uma barquinha repleta de flores e presentes, regada por muito samba. O presente chega com um cortejo liderado por D. Rita da Barquinha, que vem há muitos anos mantendo essa tradição dos seus antepassados, em agradecimento à Orixá pelos frutos oferecidos a seus filhos durante todo o ano que passou. A barquinha pesa 7,5 kg e é impressionante ver a anfitriã da festa sambando com ela na cabeça, sem segura-la com as mãos.

Dona Rita possui um grupo de samba, *Barquinha de Bom Jesus Samba de Roda* e tornou-se conhecida em toda região por seu trabalho de manutenção e salvaguarda desse brinquedo popular. Nos últimos anos, contudo, ela vem enfrentando dificuldade para manter essa tradição, mas graças ao incentivo da Lei Paulo Gustavo, ela volta a realiza-lo em 2024-2025. Também é possível ver a barquinha no último domingo de janeiro e com ela sambar, na lavagem da Igreja de Bom Jesus dos Pobres. A comunidade se reúne na entrada da cidade e em cortejo, tendo o grupo de Dona Rita à frente, segue até a praça principal do distrito, onde são feitas oferendas com a participação dos terreiros de candomblé. Em seguida, seguem até igreja, onde ocorre a lavagem da escadaria no ritmo de samba.

Ainda em janeiro, seis dias depois da virada do ano, vem o Dia de Reis e novamente é um momento de celebração e festas na região. No município de Cachoeira, por exemplo, Dona Dalva Damiana de Freitas mantém o Terno da Esperança da Paz, que sai pelas ruas da cidade e finaliza a caminhada na Casa de Samba de Roda Dona Dalva^{vi}. Este local de parada, e também de concentração dos ternos, é Ponto de Cultura e Memória, gerido pela Associação Cultural do Samba de Roda Dalva Damiana de Freitas, organização proponente e solicitante do registro do Samba de Roda da Bahia ao Iphan. A casa mantém diversas atividades comunitárias, criou o Samba de Roda Mirim Flor do Dia, um modelo de salvaguarda, com um trabalho de Educação Patrimonial, incluindo oficinas de samba de roda, com aulas de história, percussão, viola, violão e da performance. O local é um espaço sempre ativo e aberto ao visitante, que deve ficar atento às celebrações maiores, como as que ocorrem em junho – tríduo para Santo Antônio –; em 15 de agosto, durante os festejos de Nossa Senhora da Boa Morte e em 27 de setembro em homenagem aos ibejis, orixás gêmeos, que são sincretizados pelos santos mirins Cosme e Damião.

A trajetória de Dona Dalva, hoje com 96 anos de idade, está atrelada ao samba de roda de Cachoeira. Ainda menina, aprendeu a cantar sambas com sua avó, Dona Tereza e aprendeu a amar as brincadeiras populares. Anos mais tarde, trabalhando como charuteira da fábrica Suerdieck, em São Félix, município vizinho a Cachoeira, criou o seu próprio grupo de samba de roda, o primeiro da cidade. D. Dalva relata que o ritmo que faziam na fábrica, para acompanhar os sambas que compunha, era percutido com as tabuinhas que ela e as colegas operárias usavam para estirar a folha que enrolava os charutos. E então lhe veio a ideia de levar o samba às ruas, já que não tinham condições de participar das novenas nas casas onde ele costumava acontecer. Quando isso ocorreu, foi necessário convidar músicos para os ensaios, que passaram a ser lá mesmo na Suerdieck, nos intervalos do trabalho.

Durante a sua vida de brincante de folguedos populares, enfrentou percalços oriundos de uma sociedade formatada sob a herança do regime escravista, marcada por desigualdades, preconceitos e discriminação racial, mas o seu grupo se tornou uma grande referência no Recôncavo. Mais ainda, em 2012, Dona Dalva recebeu a outorga de Doutora Honoris Causa pela UFRB, por suas contribuições à cultura do seu município, sendo a maior delas, o samba de roda.

Uma das ações de salvaguarda do samba de roda foi a criação e/ou fortalecimento de 15 Casas de Samba em diferentes cidades e a articulação da Rede de Casas de Samba, através do projeto *Pontão do Samba*, coordenado pela Asseba. Os espaços de algumas dessas casas passaram a ser utilizados para ensaios, oficinas e atividades educativas, que envolveram as comunidades locais e que resultaram na criação de grupos de samba mirins, como o *Flor do Dia*, de D. Dalva, já mencionado. Nem todas as Casas de Samba têm conseguido manter o seu propósito inicial de ser local de transmissão e difusão do samba de roda. Contudo, as de São Francisco do Conde, Saubara, Cachoeira, Terra Nova, Matinha, vêm conseguindo se manter ativas elaborando projetos por meio de editais públicos do próprio Ministério da Cultura e do governo do Estado, através do Fundo de Cultura, e constituindo também novas parcerias.

Em virtude disso, uma das rotas possíveis para o turismo criativo no Recôncavo é o bairro da Pitangueira, em São Francisco do Conde, onde é possível visitar a Associação Cultural Zé de Lelinha, sede da Rede de Samba do município. No local encontra-se um espaço cultural inaugurado em 2018, com a finalidade de preservar a memória do violeiro Zé de Lelinha^{vii}, grande virtuose da viola machete, instrumento característico do samba chula, uma das vertentes dos sambas praticados em roda da região. Ali o visitante encontrará fotografias, filmes, vídeos, CDs e áudios preciosos de samba

de viola. A Associação também mantém o Projeto Essa Viola Dá Samba [lutheria e oficina de viola machete] e o grupo Samba Chula Mirim Flores da Pitanga, com ensaios regulares, no intuito de preservar a tradição do samba chula para as futuras gerações.

É também no bairro da Pitangueira que se encontra o grupo mais antigo de samba chula de São Francisco do Conde, o Filhos da Pitangueira, coordenado por Seu Zeca Afonso^{viii}, antigo parceiro de Seu Zé de Lelinha. Mantendo a tradição que lhe foi passada por seu avô, o Mestre é bastante rigoroso na manutenção das regras do samba chula, no qual enquanto se ‘grita’ a *chula* não se pode dançar; deve-se esperar que o canto se encerre para que a sambadeira responda ao chamado da viola e, sozinha, percorra a roda sambando.^{ix} O grupo ensaia com regularidade às quartas-feiras e é aberto à comunidade que participa batendo palmas e sambando, aprendendo respeitar sua estética.

Outro espaço de muita tradição que pode ser visitado numa rota de turismo criativo, também certificado como Ponto de Cultura, é a sede da Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, associação dirigida pelo historiador, pesquisador, sambador, articulador cultural e ex-Coordenador Geral da Asseba, Rosildo do Rosário. No local, são realizados vários projetos de preservação do samba de roda, entre eles o Encontro de Samba Mirim e Encontro dos Mestres. Um dos eventos de maior continuidade da Associação é a Mostra do Samba de Roda de Saubara, já na sua sétima edição, que reúne sambadores e sambadeiras do município e de comunidades circunvizinhas como Acupe, São Braz, Muritiba, São Francisco do Conde e São Francisco do Paraguaçu. O evento não tem uma data fixa e varia de acordo com parcerias realizadas através de leis de incentivo e/ou apoio da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

Rosildo Rosário é de uma família tradicional de sambadores, um dos sete filhos de Dona Anna do Rosário com Raimundo Bento do Rosário (Mundinho de Janinha). Sua família paterna produzia o Rancho do Papagaio, Burrinha, Barquinha, Rancho do Canário, Rancho da Borboleta, manifestações culturais muito ligadas com o samba. Rosildo herdou dos pais o amor aos brinquedos populares, teve o apoio da mãe e da tia, D. Jelita^x, grandes sambadeiras e ativistas culturais, e tem se dedicado a manter viva as tradições dos seus antepassados, incluindo a chegança, tema de sua pesquisa de mestrado, sendo ele um dos articuladores da patrimonialização dessa prática cultural e do samba de roda. O seu ativismo cultural tem sido importante para que Saubara se mantenha como um lugar pulsante de manifestações e que merece ser visitado e incluído na rota do turismo criativo.

A improvisação é um elemento importante no samba de roda e demarca um diálogo sonoro entre os tocadores e quem está no centro da roda sambando. A presença feminina no centro da roda é o que caracteriza as apresentações dos grupos de samba, mas os homens também participam dela em algumas localidades. A maneira de sambar deles diverge do samba miudinho das mulheres, e é comum vê-los dando pequenos pulos e contratempos, típicos das vivências dos terreiros que cultuam os caboclos. Mas a improvisação é um traço marcante na performance de ambos, que sambam de acordo com suas percepções do ritmo dos instrumentos percussivos, dos fraseados e ponteios da viola ou violão e da dinâmica dos tocadores.

Porém, é possível encontrar no Recôncavo o samba coreografado, nas localidades de Conceição do Almeida, Ilha de Paty e Matarandiba. Em Conceição do Almeida, existe o grupo *Samba da Capela*, estruturado em 1985, por Dona Marina Santos, tendo como mestra Dona Fátima^{xi}, no qual homens e mulheres apresentam ‘coreografias’ simples e singelas, estruturadas entre duas fileiras. O grupo mantém um samba mirim e estão presentes no mês de julho, durante os festejos em comemoração à emancipação política de Conceição do Almeida; em agosto por ocasião das celebrações do folclore ou no mês de novembro, em homenagem à cultura negra.

O Voa Voa Maria é um grupo que também utiliza um esquema coreográfico em suas performances. Mantido pela Associação Cultural de Matarandiba [ASCOMAT] e formado por habitantes daquela comunidade, localizada no município de Vera Cruz, foi idealizado por Adenildes Santana Vargas Leal, gestora da associação à época, em 2009. Ela reuniu cerca de 40 mulheres sambadeiras que cantam e compõem suas próprias músicas, acompanhadas por instrumentos percussivo, violão e cavaquinho. O grupo trabalha com instrumentistas profissionais da capital do Estado e suas performances não ficam restritas à improvisação dentro da roda. A movimentação ocorre em resposta às letras das canções, com gestos coreografados, e pequenas cenas teatrais dentro da roda. Às vezes movem-se todas juntas para dentro e para fora da roda rodadas. O grupo, que se destaca fortemente pela presença de grande número de mulheres, envolveu os filhos e filhas, que atuam numa versão de samba mirim.

Numa rota de turismo criativo, seria possível conhecer outro grupo de samba que trabalha não exatamente com coreografia, mas com uma encenação: o Paparutas, da Ilha de Paty, em São Francisco do Conde, uma pequena comunidade formada por cerca de 180 pessoas. Com mais de 80 anos de existência, eles guardam a tradição da ‘comédia’, relacionada com o preparo das iguarias da cozinha afro-brasileira. E esse cuidado com a preservação dessa culinária é transformado em cena real, onde há uma preparação de iguarias pelas mulheres, que depois saem às ruas,

trajando saias volumosas e torço nas cores vermelho e amarelo, portando gamelas com as comidas na cabeça. O nome do grupo se refere às personagens de uma comédia que havia na comunidade há mais de cem anos, com várias personagens (Queiroz, C., 2019).

Como descrito em toda esta sessão, há muitas possibilidades de viajar pela região do Recôncavo numa rota traçada pelas práticas do samba de roda. Além das que aqui foram mencionadas, existem outras comunidades como Acupe [Grupo Raízes de Acupe]; São Braz [Grupo Samba Chula de São Braz], onde também é possível contratar o samba de Dona Zélia do Prato, que se tornou uma grande referência nos últimos anos; Teodoro Sampaio [Grupo União Teodoreense, liderados pelo Mestre Paião e D. Fiita^{xii}]. Dirigindo-se ao entorno do Recôncavo, já no município de Feira de Santana, encontra-se o Quilombo da Matinha dos Pretos, onde há o samba da Quixabeira, cuja protagonista é D. Chica do Pandeiro^{xiii}, que matem o samba junto com os filhos Guda Moreno e Zezé do Tamborim.

Figura 1. D. Nicinha sambando no Projeto Circulando com as Mulheres do Samba de Roda



Fonte: Clécia Queiroz, 2018.

Mais uma possibilidade de conhecer o samba de roda realizado pelas grandes mestras e protagonistas do samba de roda baiano seria contratar ou seguir o evento Mulheres do Samba de Roda: Corpo Samba e Ancestralidade. Resultante do projeto Circulando com as Mulheres do Samba de Roda, o evento envolve uma roda de conversa performática com as sambadeiras e os tocadores, além de duas oficinas, sendo uma para tocar o instrumento prato-e-faca e outra para aprender o samba no pé. Esse evento foi apresentado na Universidade Federal de Sergipe, no Departamento de Dança, em fevereiro deste ano, com grande adesão da comunidade estudantil, mestres da cultura popular, turistas e moradores de Aracaju. O Campus de Santo Amaro na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia foi o último local onde as mestras se

apresentaram em maio de 2024. Organizado por Luciana Barreto, Rafaela Mustafa e Rosildo Rosário, o evento segue aberto para novas contratações^{xiv}.

Figura 2. Cartaz do Projeto Circulando com as Mulheres do Samba de Roda (Rio de Janeiro, São Paulo e Jundiá)



Fonte: Marcelo Bruzz, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo criativo tem amplas possibilidades de contribuir para renovar e valorizar as tradições, e, ao mesmo tempo, permitir a desconcentração do fluxo turístico, em prol de localidades, muitas vezes desconhecidas ou pouco conhecidas no mercado do turismo, mas, dotadas de atributos particulares. O que propiciou a elaboração desta proposta foi a percepção das potencialidades do Recôncavo Baiano para o turismo criativo. Outrora zona escravista, produtora de açúcar e fumo, hoje um dos territórios mais significativos no que se refere ao patrimônio imaterial de origem africana no Brasil, o Recôncavo, frente às novas tendências mundiais da economia do turismo, que preconizam o incentivo à segmentação e roteirização turísticas, à valorização do local e dos aspectos culturais enquanto elementos de competitividade dos destinos e zonas turísticas, destaca-se como um terreno fértil a esta nova modalidade do turismo.

Como abordado, objetiva-se a implantação de um roteiro turístico neste território tendo como vetor uma das mais expressivas e singulares referências culturais da região: o samba de roda. Dentre as diversas possibilidades de visitação e interação turística, foram apresentadas algumas

alternativas, centradas no samba de roda, que podem viabilizar trocas expressivas entre a população local e visitantes, colaborando para a ampliação do sentimento de pertença ao destino visitado pelos não-residentes, tornando-o singular e fidelizando os consumidores do segmento do turismo criativo.

De fato, o turismo criativo tem grandes possibilidades de contribuir para renovar e valorizar as tradições do Recôncavo Baiano, contribuindo para o incremento do fluxo e da receita oriundos dos visitantes, e permitindo a que esta região encontre novas alternativas que possibilitem a melhoria da qualidade de vida da sua população e contribuam para o alcance de novos patamares de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- Abib, P. R. (2015). Cultura popular e contemporaneidade. *Patrimônio e Memória*, 11(2), 102-122. [Link](#)
- Abreu, R., & Chagas, M. (Org.) (2003). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Alencar, R. (2010). *O samba de roda na gira do patrimônio*. Tese, Doutorado em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Brasil. [Link](#)
- Amoroso, D. M. (2009). *Levanta mulher e corre a roda: dança, estética e diversidade no samba de roda de São Félix e Cachoeira*. Tese, Doutorado em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Brasil. [Link](#)
- Brasil [EBC] (2023, 5 Maio). Caminhos da Reportagem revela diversidade do samba de roda. *Empresa Brasileira de Comunicações*. [Link](#)
- Castells, M. (2000). *O Poder da Identidade - A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. V. 2. São Paulo: Paz e Terra.
- Döring, K. (2012). Uma vida para o samba de roda: aprendizado estético e significativo ao longo da vida no Recôncavo [Artigo]. In Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Eds.) *Anais... VIII ENECULT* (pp. 1-12). Salvador, Brasil: UFBA. [Link](#)
- Döring, K. (2016). *A Cartilha do samba chula*. Salvador: Natura Musical.
- Döring, K. (2015). Memórias fractais do samba de roda Patrimônio cênico-musical em voz, gesto, som e movimento. *TRANS - Revista Transcultural de Música*, 19(2015), 1-26. [Link](#)
- Döring, K. (2016). *Cantador de Chula: O samba antigo do Recôncavo*. Salvador: Pinaúna.
- Fonseca, M. C. L. (2005). *O Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ; MinC-IPHAN.

Queiroz, L. A. de, & Queiroz, C. (2024). O Samba de Roda como vetor para uma proposta de Roteiro de Turismo Criativo no Recôncavo Baiano. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 16(2), 206-226. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v16i2p206>

Hall, S. (2003). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. (2006). *Dossiê IPHAN 4: Samba de Roda do Recôncavo Baiano*. Brasília, DF. [Link](#)

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. (2021) *Parecer de Reavaliação do Título de Patrimônio Cultural do Brasil do Samba de Roda do Recôncavo Baiano*. Parecer Técnico nº 13/2021/COREG/CGIR/DPI. [Link](#)

Matias, P. M. dos R. (2013). *Turismo Criativo: uma abordagem ao caso português*. Dissertação, Mestrado em Gestão Cultural, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal. [Link](#)

Mello e Silva, S. B. de. (2001). Geografia, turismo e crescimento: o exemplo do estado da Bahia. In A. B. Rodrigues (Org.), *Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais* (pp. 122-143). São Paulo: Hucitec.

Molina, S. (2016). Turismo Criativo. *RITUR - Revista Iberoamericana de Turismo*, 6, 170-173. [Link](#)

Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15. [Link](#)

Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10), 200-2012. [Link](#)

Queiroz, C. M. A. de (2019). *Aprendendo a ler com minhas camaradas: seres, cenas, cenários e difusão do samba de roda através das sambadeiras do Recôncavo Baiano*. Tese, Doutorado em Educação, Universidade Federal da Bahia, Brasil. [Link](#)

Queiroz, C., & Queiroz, V. (2020). “Dentro do respeito e do amor, quem toma a frente sou eu”: O protagonismo feminino no samba de roda do Recôncavo Baiano. *Revista Transversos*, 20(2020), 108-130. [Link](#)

Queiroz, L. M. A. de (2019). *Turismo Cultural e Desenvolvimento: Cachoeira & Ouro Preto*. Cruz das Almas, BA: UFRB. [Link](#)

Queiroz, L. M. A. de, & Souza, R. C. de A. (2009). *Caminhos do Recôncavo: proposição de novos roteiros histórico-culturais para o Recôncavo Baiano*. Salvador: Programa Monumenta, Unesco.

Richards, G. (2010). Trajetórias de desenvolvimento do turismo - da cultura à criatividade? *Revista Encontros Científicos - Estudos de Turismo e Gestão*, (6), 9-15. [Link](#)

Richards, G., & Raymond, C. (2000). Creative Tourism. *Atlas News*, 23, 16-20. [Link](#)

Santos, J. V. P. V. dos, Lima, E. O., & Matos, E. M. (2020). Brasília, cidade design: promovendo o turismo criativo. In C. H. Henriques, P. de A. B. César, V. B. M. Herédia, & M. C. Moreira (eds.), *Turismo & história: perspectivas sobre o patrimônio da humanidade no espaço ibero-americano* (pp. 134-146). Caxias do Sul, RS: Educs. [Link](#)

Unesco. (2006). *Understanding creative industries - Cultural statistics for public policy making*. [Link](#)

NOTAS

ⁱ Conforme a Unesco (1993), patrimônio cultural imaterial ou intangível é o conjunto das manifestações culturais tradicionais e populares, ou seja, as criações coletivas, emanadas de uma comunidade, fundadas sobre a tradição. Elas são transmitidas oral e gestualmente, e modificadas através do tempo por um processo de recriação coletiva. Integram esta modalidade de patrimônio, as línguas, as tradições orais, os costumes, a música, a dança, os ritos, os festivais, a medicina tradicional, as artes da mesa e o saber fazer dos artesanatos e das arquiteturas tradicionais (Abreu & Chagas, 2003, p. 81-82). Ressalte-se, porém, que embora a Unesco tenha definido este conceito em inícios da década de 1990, no Brasil somente em 04/08/2000 é que foi assinado o Decreto 3551, que instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial (Fonseca, 2005, p. 289).

ⁱⁱ Vide Lúcia Queiroz e Regina Souza, Caminhos do Recôncavo, proposição de novos roteiros histórico-culturais para o Recôncavo, de 2009, e Lúcia Queiroz, Turismo cultural e desenvolvimento: Cachoeira & Ouro Preto, 2019, dentre outros da mesma autora.

ⁱⁱⁱ No original: “Tourism which offers visitors the opportunity to develop their creative potential through active participation in courses and learning experiences which are characteristic of the holiday destination where they are undertaken” (Richards & Raymond, 2000, p. 18).

^{iv} No original: “Le Tourisme créatif est un voyage tourné vers une expérience engagée et authentique, impliquant l’apprentissage participatif des arts, du patrimoine, ou d’un aspect spécifique du lieu. Il fournit un lien avec les résidents du lieu et crée cette culture vivante” (Unesco, 2006, p. 3).

^v Na maioria das localidades do Recôncavo, uma sambadeira por vez vai ao centro sambar. Essa tradição tem sido cada vez mais preservada nas localidades de prática da região.

^{vi} A Casa de Samba de Dona Dalva funcionou durante anos na Rua Ana Neri, 19. Atualmente está funcionando provisoriamente na mesma rua, número 4, na residência do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC).

^{vii} Referência ao Mestre José Vitória dos Reis, sambador de São Francisco do Conde, conhecido, como Zé de Lelinha.

^{viii} Referência ao Mestre José Afonso Gomes, sambador de São Francisco do Conde, conhecido como Zeca Afonso

^{ix} O termo samba de roda abriga diversas formas de praticar o samba. O Iphan, ao patrimonializar o samba de roda, agrupou-as por similaridades, em duas vertentes: samba corrido e samba chula. A diferença maior entre eles é que o samba corrido tem versos curtos de pergunta e resposta e o canto e a performance podem ocorrer ao mesmo tempo. Já a chula é um tipo de canto de poesia elaborada, com mais de quatro versos, realizado em terças paralelas, que é “gritada” por uma dupla (parêa ou parêlha). Ela é respondida por outra parêa de cantadores, por um *relativo*, com estrofe mais curta (LORDELO, 2009). E no procedimento coreográfico, enquanto o solista canta, junto com as vozes instrumentais, não pode haver dança. Só no momento em que somente se escuta o som dos instrumentos, as sambadeiras se revezam sambando, uma a uma, no centro da roda (IPHAN, 2006; Döring, (2016).

^x Referência a Joselita Moreira da Cruz Silva, conhecida como Dona Zelita ou Jelita.

^{xi} Referência a Fátima Conceição Cruz Guaresma da Silva, conhecida como D. Fátima.

^{xii} Referência a Dilma Ferreira Alves Santana, conhecida como Dona Fiita e Carlos Bispo dos Santos conhecido como Mestre Paião.

^{xiii} Referência a Apolinária das Virgens Oliveira, conhecida como D. Chica do Pandeiro.

^{xiv} É possível contratar o evento através da produtora cultural Luciana Barreto pelo e-mail barreto.lumaria@gmail.com

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 18 ABR 24

Aceito: 28 JUN 24